

A BUSCA DA IDENTIDADE ARTÍSTICO-CULTURAL BRASILEIRA E OS IDEAIS MODERNISTAS DE 1922

Autor: Leonardo Araújo Diniz

Orientador: Dra. Francisca Luseni Machado Marques

Resumo

A pesquisa analisa o movimento literário modernista brasileiro, em sua primeira fase. Esse conteúdo é trabalhado na terceira série do ensino médio nas aulas de Literatura e, normalmente, causa espanto nos alunos por suas inovações. Os maiores expoentes desse movimento viam a necessidade de revolucionar o cenário cultural, em sua visão, adormecido. Tratava-se de um panorama político considerado monótono, repetitivo e muito submisso à cultura europeia. Por isso, lançaram novos fazeres artísticos cuja proposta principal era criar uma identidade nacional, como forma de romper o laço de subordinação brasileira aos europeus, sobretudo aos portugueses, por raízes históricas, a saber: a colonização lusitana. Desconstruir a Língua Portuguesa, adaptando-a a realidade nacional foi um dos exemplos desse “rompimento”. Apresentar o Brasil de forma crítica foi outra meta do nacionalismo modernista, todavia não faltando ao movimento humor, ironia e irreverência ao retratar o País. A descrição analítica desse contexto histórico são fundamentos teóricos do estudo mediante procedimentos da pesquisa bibliográfica. Tais considerações contribuirão para a reflexão, descrição e análise das obras literárias selecionadas. O procedimento da pesquisa qualitativa foi a alternativa adotada para investigar a realidade educacional, na interpretação dos textos do período. Por fim o Modernismo é visto, hoje, como uma forma de alcançar-se uma identidade nacional.

Palavras-chave: Literatura, Modernismo, identidade.

1 INTRODUÇÃO

O Modernismo foi um movimento artístico-cultural que revolucionou a forma de fazer arte nas primeiras décadas do Século XX no Brasil e no mundo. O destaque maior ocorreu com a Literatura que era vista pela crítica como uma arte muito conservadora, por isso um grupo de intelectuais brasileiros, inspirado em movimentos vanguardistas que já surgiam na Europa decidiu romper com o modelo estabelecido. O Modernismo se propôs causar uma reviravolta na chamada *Belle Époque*, um período de paz entre as

nações que contagiou as artes instaurando um cenário de calma na cultura europeia. Dessa forma, essencialmente poetas, escritores e pintores realizaram em 1922 a Semana de Arte Moderna para apresentar à sociedade paulistana os ideais do movimento.

Alguns artistas locais sentiam-se incomodados com a influência europeia nas artes brasileiras, fato que era histórico e remetia a um passado colonial de dependência em relação à metrópole, assim os modernistas tinham como meta desenvolver um movimento artístico com características tipicamente nacionais, com suas marcas históricas e folclóricas, mas sem ufanismo ou patriotismo. Logo, o modelo romântico de retratar a nação foi substituído por um formato mais crítico da sociedade.

O evento inicialmente não foi bem recepcionado por fazer propostas que desconstruíam a forma de fazer literatura elaborada e consolidada ao longo dos séculos, e dessa forma vaias, gritos e xingamentos foram a tônica de uma sociedade elitista e conservadora que não entendeu imediatamente tais preceitos, principalmente no que concerne a não respeitar as normas gramaticais da língua portuguesa, e esse foi o ponto de maior polêmica. Com o passar do tempo, porém, a sociedade compreendeu o intuito do movimento e consolidou seus integrantes entre os grandes nomes das artes brasileiras.

A Pesquisa analisa de que maneira o Modernismo contribuiu para alcançar-se uma identidade literária brasileira através das obras literárias da Primeira Fase Modernista. A recepção aos ideais modernistas é o foco central do presente estudo.

Esse conteúdo de Literatura é trabalhado nas turmas de 3º ano do ensino médio da EEEFM Monsenhor José da Silva Coutinho, e normalmente causa certa resignação nos discentes. Ocorre que essa foi uma escola literária ousada que se propôs chocar os velhos cânones da conservadora sociedade paulistana da década de 20. Assim, desconstruíram completamente todos os padrões artísticos vigentes, como o nacionalismo romântico e o formalismo parnasiano. A maior proposta modernista foi à busca de uma identidade nacional, que passaria pela língua, por isso diversos poemas foram escritos com “erros” gramaticais como forma de afrontar o academicismo e a subordinação brasileira a Portugal, buscou-se assim valorizar a forma brasileira de expressão e não a portuguesa.

Todavia, tal proposta não foi bem aceita no início do século XX, e hoje, quase 100 anos depois, ainda causa espanto durante as aulas de literatura com textos que transgridam a norma culta da língua.

A pesquisa consiste, portanto, em analisar a recepção ao conteúdo modernista em sua eterna busca pela identidade nacional. Tal escolha deve-se à importância do

tema para a Literatura e por ser sempre permeado por debates e discussões em torno de seus propósitos. O desenvolvimento da pesquisa passa por algumas questões norteadoras que auxiliarão no transcorrer dos estudos e análise dos resultados que são:

- a) Como recepciona-se a polêmica acerca da arte modernista?
- b) Em que aspectos percebe-se a arte modernista como uma tentativa de alcançar-se a identidade nacional?
- c) A linguagem adotada é questionada por estar em conflito com as normas gramaticais ou é vista como uma etapa natural do projeto modernista?
- d) Que características causaram maior rejeição e quais tiveram maior aceitação dentro do plano modernista de busca da nacionalidade brasileira?

Tendo em vista a obtenção desse conhecimento, o trabalho apresenta, inicialmente, a teoria referente ao tema nos capítulos: a contextualização histórica e literária do período modernista e a busca de identidade nacional nas artes; em seguida, destacam-se as principais obras consideradas marcos da exaltação do nacionalismo em A busca da identidade nacional nas artes. E por fim apresentam-se as conclusões.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LITERÁRIA DO PERÍODO MODERNISTA

2.1 Origem e contextualização

As escolas literárias possuem um histórico de disputa e rivalidade desde a dicotomia Barroco e Arcadismo, passando por Romantismo e Realismo e, concluindo, posteriormente, com o Modernismo, que realizou ataques no viés literário a Romantismo, por seu excesso de idealização nacional e Parnasianismo, por sua obsessão pelas regras e pelo rigor formal. Assim, a ideia de renovar o cenário cultural ganhou formas nas primeiras décadas do século XX, com um movimento denominado Modernismo por suas ideias ousadas e inovadoras para a época. Todavia, embora buscasse uma identidade nacional, a literatura brasileira seguiu tendências que já despontavam na Europa sob a denominação de vanguardas.

2.2 Vanguardas europeias

Nas primeiras décadas do Século XX, o mundo atravessava um período de inércia no cenário artístico cultural sem grandes acontecimentos ou novidades que alterassem tal panorama. Assim, em função dessa necessidade começaram a surgir na Europa movimentos culturais que visavam movimentar esse cenário e revolucionar as artes, sobretudo, na pintura e na literatura. Esses movimentos chamados vanguardistas anunciavam uma nova concepção artística.

HELENA (1993, p. 08), em *Movimentos da Vanguarda Europeia*, define o termo vanguarda da seguinte forma:

[...] vem do francês *avant-garde* e significa o movimento artístico que “marcha na frente”, anunciando a criação de um novo tipo de arte. Esta denominação tem também uma significação militar (a tropa que marcha na dianteira para atacar primeiro), que bem demonstra o caráter combativo das “vanguardas”, dispostas a lutar agressivamente em prol da abertura de novos caminhos artísticos.

Os movimentos de vanguarda, a saber: Futurismo, Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo e Surrealismo romperam com os padrões tradicionais com proposições como:

a) Futurismo: remete ao barulho, ao movimento da máquina e à guerra, chegando a inspirar ideais militaristas e fascistas. Idealizado por [Filippo Tommaso Marinetti](#), entre as propostas mais ousadas, estava substituir sinais de pontuação por sinais matemáticos nos textos. A pintura a seguir exalta o movimento:

b) Cubismo: remete às formas geométricas na pintura, como as de Pablo Picasso e à fragmentação na poesia. As formas geométricas são uma marca desta obra:

c) Expressionismo: remete às dores do mundo, como os horrores da guerra e a fome. Na pintura traz cores fortes e imagens tristes;

d) Dadaísmo: remete à irreverência e ao deboche na forma de produzir artes. A começar pelo nome que não tem qualquer significado, apenas sugere uma arte anárquica e nada mais “rebelde” que uma roda de bicicleta sobre um banco como forma de satirizar as artes conceituadas. Seu idealizador foi o suíço Tristan Tzara, que ironicamente ensinou como fazer um poema dadaísta:

Para fazer um poema dadaísta/Pegue um jornal/Pegue a tesoura./Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema./Recorte o artigo./Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco./Agite suavemente./Tire em seguida cada pedaço um após o outro./Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco./O poema se parecerá com você./E ei-lo um escritor infinitamente

original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público. (VILARINHO, S/D, S/P)

e) Surrealismo: remete a uma mescla de sonho e realidade. Um mundo onírico permeia pintura e poesia com inspiração nas teorias da psicanálise de Sigmund Freud.

Os relógios derretidos retratados na pintura refletem a passagem do tempo de forma ilógica e surreal.

Após contagiarem a Europa tais movimentos ganharam repercussão no mundo, e no Brasil ganharam o nome de Modernismo, que teve como marco, a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo em 1922, com destaque para Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, na pintura, e Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira na Literatura, o que caracterizou a Primeira Fase do Modernismo, de 1922 a 1930.

Os nossos modernistas se informaram pois rapidamente da arte europeia de vanguarda, aprenderam a psicanálise e plasmaram um tipo ao mesmo tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência europeia por um mergulho no detalhe brasileiro. É impressionante a concordância com que um Apollinaire e um Cendrars ressurgem, por exemplo, em Oswald de Andrade (CANDIDO, 1973, p. 121).

O movimento foi muito mal recepcionado pela sociedade paulistana que considerou tais inovações uma grande balbúrdia. Só posteriormente tais artistas tiveram seu trabalho reconhecido e seus ideais foram compreendidos.

3 A BUSCA DA IDENTIDADE NACIONAL NAS ARTES

Uma das principais marcas do Modernismo foi à busca da identidade nacional, característica denominada Nacionalismo. Isso porque o Brasil era visto como uma colônia que absorvia tudo que era enviado pela metrópole europeia, assim apenas reproduzia, nas escolas literárias anteriores, tudo que era lançado, especialmente em Portugal. Por isso, os modernistas resolveram romper com esse modelo apenas aproveitando os aspectos positivos da cultura estrangeira, mas sem deixar que esta se sobrepusesse à nacional e sem deixar de valorizar os aspectos nacionais, desprovendo as produções, todavia, do nacionalismo ufanista romântico, pois foi produzida uma literatura crítica da realidade nacional, ou como complementa Fonseca (2013, s.p.):

[...] o papel que o movimento teve na atualização das ideias, na disseminação da nossa cultura e na valorização da língua de expressão local por meio da arte literária. Neste sentido, a rejeição de velhos parâmetros classificadores importados da metrópole e o interesse aprofundado na particularidade da vida brasileira foram passos importantes na busca de autonomia no campo da criação artística e literária.

O Brasil estava completando o seu 1º centenário da Independência Política frente a Portugal (1822-1922), e passava a lutar pela independência cultural, através de uma revolução nas artes. Portanto, o Modernismo representou a ruptura de um modelo pré-estabelecido para retratar o indivíduo brasileiro em suas particularidades construindo dessa forma uma identidade artística própria.

A Primeira Fase Modernista realizou publicações e produziu movimentos que de forma distinta refletiram a arte brasileira por essência, cultivando o nacionalismo, a saber:

a) Movimento **Pau-Brasil** – esse movimento revisitava o passado histórico brasileiro de forma crítica, opondo-se ao Nacionalismo romântico do sec. XIX. Era, portanto, o resgate do primitivismo;

b) Movimento da **Antropofagia** – remete aos rituais indígenas, em que se devorava carne humana, acreditando-se que os poderes e qualidades do “alimento” seriam adquiridas pelo canibal. Assim, inspirando-se nesse passado colonial, o Modernismo ao estilo canibalesco devoraria a arte europeia, degluti-la-ia e aproveitaria seus aspectos positivos para abordar uma arte nacional, com seu folclore, sua cultura, sua língua e demais características tupiniquins, logo não se perderia a identidade nacional, mas também não seria consumida pelo patriotismo retratado de forma exacerbada. Uma pintura de Tarsila do Amaral tornou-se símbolo desse manifesto: O Abaporu, que significa “homem que come gente”, popularmente conhecido como Pé-grande, tornou-se um símbolo de brasilidade:

A antropofagia modernista é para Cândido (1985, p. 43), “[...] uma atitude brasileira de devoração ritual dos valores europeus, a fim de superar a civilização patriarcal e capitalista, com suas normas rígidas no plano social e os seus recalques impostos, no plano psicológico.” Logo, se trata de atitudes, valores, comportamentos e cultura nacionais sendo colocadas em foco;

c) Movimento **Verde-Amarelismo** - propôs um movimento autêntico, de resgate da cultura nacional sem influências externas;

d) Movimento da **Anta** – assemelha-se ao Verde-Amarelismo ao pregar a valorização do cenário cultural brasileiro, escolhendo, por isso, a anta, animal típico do país, para representá-lo. Os dois últimos são, portanto, mais ufanistas e menos críticos da realidade que os anteriores;

e) Revista *klaxon* – publicação que divulgava os ideais modernistas bem como suas produções artísticas.

O Modernismo de 1922 se propôs ousar e causar polêmica e nesse aspecto foi exitoso em seus objetivos, pois conseguiu chamar a atenção para problemas que estavam evidentes na sociedade brasileira, mas que poucos tinham disposição para debater e levar à discussão pública de forma aberta e democrática.

3.1 As polêmicas inovações do modernismo: ruptura com o passado

O Modernismo constituiu-se alicerçado na valorização dos temas brasileiros: o nacionalismo e na oposição aos modelos literários que o antecederam, sobretudo do Romantismo e do Parnasianismo.

O Romantismo caracterizou-se essencialmente por cultivar um nacionalismo ufanista, exaltando os aspectos positivos da Pátria, afastando-se assim dos aspectos críticos da realidade nacional, conforme corroboração doutrinária:

Para os brasileiros que viveram o Brasil romântico e em processo de gestão nacional, a realidade da jovem e promissora pátria se consubstanciava numas tantas verdades (ou “mitos”, diríamos hoje, mas sem usar a palavra no seu rigoroso sentido), que tinham de ser conscientizadas por todos, pois só assim se definiria e se avigoraria o sentimento patriótico (AMORA, 1967, p. 35).

O Parnasianismo, por sua vez, tinha como enfoque o culto à forma estabelecendo modelos previamente estabelecidos para as poesias. Assim, formatos clássicos como o soneto tornaram-se o padrão de elaboração para os poetas do período. E tal característica foi simplesmente abolida pelo Modernismo que defendia liberdade artística, seja nos aspectos da estética e do conteúdo. Tal rivalidade é corroborada por Silva e Maciel (2009; s.p.):

Vistos pelos modernistas como retrógrados, passadistas e artificiais, os parnasianos sofreram ataques de todos os lados e que repercutem até hoje. Entretanto, há de se notar que a extrema preocupação da elaboração técnica e do apuro formal parnasianos, embora duramente criticados, iriam projetar influências e novas formas de conceber a poesia em muitos poetas modernistas, como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo.

Portanto, os modernistas mais radicais propuseram a destruição do passado literário colonial, ufanista e formalista para propor a construção de um novo modelo artístico-cultural desprovido justamente de regras, pois o objetivo maior é a liberdade de expressão no fazer poético.

3.2 Linguagem adotada

O Modernismo teve entre suas propostas uma extremamente ousada, que foi adotar uma linguagem mais próxima da realidade brasileiras, distanciando-se das normas gramaticais lusitanas. Assim foi com esse movimento artístico-cultural que se passou a questionar o português falado no Brasil e sua relação com a teoria das gramáticas normativas, assim como também se abriu espaço para abordar problemas sociais brasileiros, ainda que esse não fosse o foco, mas indiretamente abordou a luta de classes e de gênero, como corrobora Fonseca (2013, s.p.),

Apesar dessa aparente indiferença às questões sociais e políticas imediatas, as mudanças que o grupo modernista propunha no campo artístico eram sintomáticas de um mundo em convulsão, de um país crivado de conflitos na sua base social, e em desordenado movimento de transformação.

Assim, o Modernismo viria a se destacar adotando temas como a verdadeira cultura nacional, os defeitos estéticos e as mazelas, como a violência urbana nacional abordada de forma literária.

A crítica à submissão da cultura brasileira à europeia ganhou destaque na abordagem da linguagem que representou também uma forma de criar uma identidade nacional.

Por entenderem que Português é o idioma falado em Portugal, e que o Brasil falaria, portanto, uma espécie de “brasileiro”, escreveram romances e poemas com diversas transgressões gramaticais privilegiando a oralidade dos falares do Brasil.

Nesse aspecto, destaca-se o poema intitulado Pronominais, de Oswald de Andrade.

Pronominais: Dê-me um cigarro/Diz a gramática/Do professor e do aluno/E do mulato sabido/Mas o bom negro e o bom branco/Da Nação Brasileira/

Dizem todos os dias/Deixa disso camarada/Me dá um cigarro.
(CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 70)

Vê-se claramente, a imitação da oralidade, ou seja, da fala brasileira em oposição às normas gramaticais, vistas como imposição lusitana. É, portanto, uma crítica à dominação portuguesa, um grito de independência no aspecto cultural. Enquanto a norma culta ensina “Dê-me um cigarro”, visto que a regra é não iniciar períodos com pronome oblíquo átono (uma ênclise), mas o poeta valoriza a forma falada cotidianamente “Me dá um cigarro” (uma próclise). Conforme corrobora Duarte (2012, s.p.),

[...] uma das características propostas pela Semana foi a ruptura com a gramática normativa. Os que assim se dispuseram, tinham por finalidade romper com o academicismo literário, atribuindo-se aos moldes parnasianos, envoltos por uma completa erudição. Assim, almejavam fazer uma arte voltada para a liberdade de expressão, na qual o erudito cederia lugar para o trivial, o prosaico.

Todavia, deve-se ressaltar que na poesia tais características são uma forma de chamar a atenção para a valorização da arte nacional e não necessariamente um estímulo a essa forma de escrita, logo tal proposta deve ser interpretada de forma crítica e relativizada, pois a língua adapta-se às diferentes situações comunicativas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados estão apresentados em dois momentos de análises. Primeiramente, o conteúdo modernista brasileiro, configurado na análise das produções literárias e reflexão literária dessas produções analisadas. Em seguida, os dados coletados do questionário representados segundo a percepções iniciais dos alunos e a análise da recepção dos alunos ao conteúdo movimento modernista brasileiro, em sua primeira fase.

4.1 Análise das produções literárias

Foram ministradas 10 (dez) aulas de Literatura focadas no conteúdo modernista brasileiro, especificamente nas produções literárias, em sua primeira fase do

movimento aos alunos do 3º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José da Silva Coutinho, num total de 50 alunos do turno da noite. Portanto, as produções literárias selecionadas e suas respectivas análises:

Os Sapos¹

Manuel Bandeira

Enfunando os papos,/Saem da penumbra,/Aos pulos, os sapos./A luz os deslumbra./Em ronco que aterra,/Berra o sapo-boi:/- "Meu pai foi à guerra!"/-"Não foi!"- "Foi!"-"Não foi!"/.O sapo tanoeiro,/Parnasiano aguado,/ Diz: - "Meu cancionero/ É bem martelado./Vede como primo/Em comer os hiatos!/Que arte! E nunca rimo/Os termos cognatos./O meu verso é bom/Frumento sem joio./Faço rimas com Consoantes de apoio./Vai por cinquenta anos/Que lhes dei a norma:

Reduzi sem danos/A fôrmas a forma./Clame a saporaria /Em críticas céticas:/Não há mais poesia,/Mas há artes poéticas..."/Urta o sapo-boi: /-"Meu pai foi rei!"/"Foi!"- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"/.Brada em um assomo/O sapo-tanoeiro:/- A grande arte é como/Lavor de joalheiro./Ou bem de estatuário./Tudo quanto é belo,/Tudo quanto é vário,/Canta no martelo"/.Outros, sapos-pipas (Um mal em si cabe),/Falam pelas tripas,/ - "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!"/.Longe dessa grita,/Lá onde mais densa/A noite infinita/Veste a sombra imensa;/Lá, fugido ao mundo,/Sem glória, sem fé,/No perau profundo/E solitário, é/Que soluças tu,/Transido de frio,/Sapo-cururu/Da beira do rio...

Este texto é considerado uma espécie de introdução dos ideais modernistas por sua apresentar de forma irreverente uma sinopse de seus objetivos artísticos no campo da literatura.

Os termos “foi” e “não foi” possuem sonoridade semelhante ao coxar de sapos na lagoa em referência a uma briga de poetas defendendo seus estilos literários, temos no poema sapos/poetas parnasianos, modernistas românticos cada um com seus ideais. Na primeira estrofe, temos os novos poetas que surgem das sombras em oposição àqueles conservadores e senhores de si, os parnasianos, ora denominados sapos-tanoeiros, os aguados, por sua contenção lírica e excêntrica adoração pelo culto à forma.

¹ CEREJA, W. R; MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Português: linguagens* 3. 6. ed. São Paulo: Atual, 2008. p. 53.

Há, portanto, duas características modernistas por excelência, no poema, a crítica ao tradicionalismo e a ironia/humor.

A última estrofe faz referência inclusive a uma cantiga popular e no todo “[...] zomba dos aspectos requintados da escola parnasiana é uso das quadras ou quartetos, formas consideradas populares, contrastando, desse modo, com as formas sofisticadas, tais como, o soneto que é muito prezado no parnasianismo” (SILVA, 2013, s/p):

Vaso Grego²

Alberto de Oliveira

Esta, de áureos relevos, trabalhada/De divas mãos, brilhante
copa, /um dia,/Já de os deuses servir como cansada,/Vinda do
Olimpo, a um novo deus servia. [...]

O excerto acima é um clássico texto parnasiano, polido, refinado, com uma linguagem culta. Logo, o poema “Os sapos” faz uma crítica contundente ao parnasianismo de modo irônico e sarcástico, valendo-se do tema e da própria forma na construção poética.

Tragédia Brasileira³

Manuel Bandeira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria./Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo o que ela queria./Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado./Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa./Viveram três anos assim./Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa./Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato,

² CAMPEDELLI, S. Y; Souza, J. B. *Literatura brasileira e portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 348.

³MACHADO, Carlos. <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet239.htm>>

Inválidos.../Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Este texto de Manuel Bandeira é uma análise da realidade urbana brasileira, a violência típica da cidade grande é transformada em texto literário, numa clara oposição à idealização da poesia romântica ao falar dos relacionamentos e do Brasil. O cotidiano do relacionamento é retratado de forma trágica, assim como é a realidade brasileira.

Transformar notícias de jornal em texto literário foi um marca de Manuel Bandeira, o que contraria a tradicional divisão texto literário e não literário.

A introdução da história remete aos clássicos românticos com um homem apaixonado que salva a amada da “perdição”, mas o desenvolvimento e a conclusão remetem a um destino fatídico.

Neste texto o autor mais uma vez reúne personagens despidos da idealização romântica, não são personagens são seres humanos comuns fotografados em suas mazelas. Segundo Silva, “Bandeira cata seus personagens nas ruas, nas repartições públicas, nos prostíbulos, no mundano e mostra como o destino os leva, ou melhor, os eleva ao trágico. Os heróis gregos, em contraponto, descem dos palácios, do Olimpo, do Parnaso para encontrarem as desgraças da ‘moira’”.

O Bicho⁴ Manuel Bandeira

Vi ontem um bicho/Na imundície do pátio/Catando comida entre os detritos./Quando achava alguma coisa,/Não examinava nem cheirava:/Engolia com voracidade./O bicho não era um cão,/Não era um gato,/Não era um rato./O bicho, meu Deus, era um homem.

Neste poema vê-se claramente a preocupação crítico-social omitida em escolas literárias anteriores, exemplo de Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo, e a situação degradante do ser humano, assim como o problema social da miséria são abordados poeticamente como alerta em tom de denúncia.

O Capoeira⁵

Oswald de Andrade

4 Fonte: Jornal de Poesia. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/manuelbandeira03.html>>.

__ Qué apanhá sordado?/_ O quê?/_ Qué apanhá?/Pernas e cabeças na calçada.

Este poema possui em si diversas características do Modernismo, a saber:

- ✓ **Síntese** – poemas curtos, chamados também de poema-pílula em função de sua extensão e objetividade na transmissão da mensagem;
- ✓ **Fragmentação (*flashes cinematográficos*)** – o poema é esfacelado, com lacunas em seu conteúdo, cabendo ao leitor identificar a temática e a crítica adotada na supressão de determinadas partes do texto;
- ✓ **Busca de uma identidade nacional/nacionalismo** – a capoeira é uma luta/dança tipicamente nacional, remete ao passado colonial brasileiro, visto ser uma herança da cultura negra, logo integra o projeto modernista de valorização do que é nacional, visto que tal temática não possui qualquer relação com a cultura europeia tão reverenciada em escolas literárias anteriores, a exemplo do Barroco e do Arcadismo. Tal nacionalismo punha-se ao apregoado pelo Romantismo no século XIX que pintava um país encantado sem abordagem crítica de problemas sociais ou de discussões acerca de tais questões.
- ✓ **Linguagem coloquial/vulgar** – Adotar uma linguagem mais simples e espontânea também é uma forma de buscar uma identidade nacional, esta foi uma forma de afrontar os puristas gramaticais e valorizar os falares brasileiros (“qué”, “apanhá”, “sordado”), que se opunham às rígidas normas gramaticais advindas da antiga metrópole portuguesa;
- ✓ **Ausência de sinais de pontuação** – Em corroboração à característica anterior, o Modernismo suprimiu sinais de pontuação, a exemplo da vírgula antes de “sordado”, também como uma forma de oposição ao Parnasianismo que primava pela língua culta e pelo formalismo na construção do texto.
- ✓ **Associação de prosa com poesia** – Utilizar diálogos é uma característica de textos em prosa, ao inserir tais falas em um poema, tem-se mais uma inovação da linguagem modernista;
- ✓ **Cotidiano** – abordagem de cenários e temas típicos do dia a dia, como uma briga de rua são outra marca da escola literária.

“Neste poema está presente a visão da literatura nacionalista fundamentada nas características naturais do povo brasileiro. Oswald põe em xeque aquilo que mencionou no manifesto Pau Brasil. Observe-se: a contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos” (OLIVEIRA, 2012, s.p.).

brasil

Oswald de Andrade⁶

O Zé Pereira chegou de caravela/E perguntou pro guarani de
mata virgem/-Sois cristão?/-Não, Sou bravo, sou forte sou filho
da morte
Tetetê tetê Quizá Quizá Quecê!/Lá de longe a onça
resmungava Uu! Ua! uu!/O negro zonzó saído da
fornalha/Tomou a palavra e respondeu/-Sim pela graça de
Deus/Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum! /E fizeram o
carnaval

Este poema afronta novamente a gramática tradicional a partir do título que é escrito com inicial minúscula, a partir daí apresenta-se um cenário histórico nacional remetendo a miscigenação brasileira: o português, o negro e o índio. Novas transgressões à gramática se sucedem com escritos como “pergunta”, há ainda a presença da irreverência típica do movimento ao utilizar-se termos aparentemente sem nexos para representar o idioma dos nativos “Tetetê tetê Quizá Quizá Quecê!” e “Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!” representam de forma bem-humorada, respectivamente, o tupi guarani e a língua africana. Ao fim, toda essa mistura forma a festa, que é o Brasil, representada pelo carnaval.

No texto nota-se novamente intertextualidade com o texto I Juca Pirama, que no original diz “Sou bravo, sou forte, sou filho do Norte” e foi adaptado para “Sou bravo, sou forte, sou filho da morte” em referência à dizimação sofrida pelos indígenas brasileiros.

Segundo Peres, 2012 Ao mesmo tempo, que faz a junção dessas três etnias na construção do Brasil, o “eu-lírico” afirma que essa mistura retrata o carnaval, uma vez que a mistura das raças, dos costumes, da cultura, da religião, é a formação do povo brasileiro e, conseqüentemente o surgimento do carnaval.

⁶ FARACO, C.E.; MOURA, F. M. *Lingua e literatura*. 21. ed. São Paulo: Ática, 2002. V.3. p.162.

Na prosa, destaque para o romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade. O título significa “o grande mal” remetendo a um personagem preguiçoso que contraria os paradigmas de protagonistas românticos. No século XIX os heróis eram belos, corajosos, virtuosos, inclusive o índio escolhido como símbolo de brasilidade, forte e destemido. Mas no Modernismo ganha ares sarcásticos: é negro, feio, baixinho, preguiçoso, um anti-herói, ou seja um herói problemático, com defeitos que chega a urinar na própria mãe. Veja-se um trecho⁷:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia, tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro: passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava: If — Ai! que preguiça!. . . e não dizia mais nada. [...] Quando era pra dormir trepava no macuru pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras-feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar.

O início da obra faz uma paródia com um clássico da literatura brasileira: *Iracema*, do autor romântico José de Alencar⁸. No texto original, temos:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Nota-se a gritante diferença: enquanto Iracema é uma bela heroína, cheia de virtudes sobrepondo-se inclusive à natureza, Mário de Andrade desconstrói em *Macunaíma* toda a poetização do texto romântico ao descrever um herói nada convencional: feio, que passou seis anos sem falar, preguiçoso e desrespeitoso. Notamos

⁷ FARACO, C.E.; MOURA, F. M. *Lingua e literatura*. 21. ed. São Paulo: Ática, 2002. v.3. p.162.

⁸ ALENCAR, José de. **Iracema**. 38 ed. São Paulo: Ática, 2011.

novamente à crítica à gramática da língua portuguesa ao grafar “se”, conjunção condicional com i: “si”.

Na composição de *Macunaíma* e em seus escritos críticos da época nota-se o cuidado rigoroso de efetuar o levantamento do material que torna possível traçar o perfil do Brasil. Era intenção de Mário de Andrade, em sua perspectiva analítica, ao justapor os variados elementos culturais presentes na esfera nacional, chegar à definição de um elemento comum que qualificasse todos como pertencentes ao mesmo patrimônio cultural. (BERRIEL, 1990; p. 56).

Logo, Mário de Andrade, em *Macunaíma*, realizou uma pintura do folclore e cultura brasileira, exaltando um nacionalismo crítico, sem alienações, apresentando o Brasil de forma escrachada e bem-humorada sem fadas, sonhos nem formalismos estéticos. A regra em sua prosa era justamente não haver regra alguma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As avaliações transcritas acima caracterizam o Modernismo como um movimento que valorizou as raízes nacionais, criando assim a tão falada identidade nacional nas artes, e faz também uma reflexão mais apurada acerca do conteúdo abordado. A análise mais crítica da realidade antes “esquecida” pelos românticos foi lembrada nos questionários, característica essa presente na obra de Manuel Bandeira, a exemplo de “O bicho” e “Tragédia brasileira”, analisados anteriormente.

Assim, o Modernismo segue, quase 100 anos após a Semana de Arte Moderna causando debates e discussões mostrando-se uma história viva e um conteúdo ativo que permite o estímulo ao conflito de ideias e opiniões, como deve ser a sala de aula: espaço de lutas, de busca das identidades, mas com discordâncias e dualidades sempre permeadas pela alteridade, como deve ser em um ambiente educacional.

A pesquisa apresentou grandes desafios por mesclar o tipo bibliográfico e o estudo de campo, através do acompanhamento diário das aulas de Literatura do 3º ano do Ensino Médio.

A Literatura historicamente apresentou-se formada por estilos paradoxais, a exemplo de Barroco x Arcadismo, Romantismo x Realismo, quando surgiu no século XX a escola literária mais polêmica de todas por propor um ideal: construir uma

identidade nacional nas manifestações artísticas, e para chamar a atenção da conservadora sociedade brasileira lançou mão de uma estratégia de marketing no mínimo polêmica: conquistar pela raiva, pela provocação e foi assim que raivosos e não aceitando provocações passivamente os representantes da arte tradicional voltaram sua ira contra os novos artistas denominados modernistas e ajudaram assim a divulgar o projeto nacional modernista, pois o País passou a querer conhecer a tal rebeldia ocorrida na Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo.

Escrever um texto com “erros” gramaticais tinha um porquê e todo um contexto, e esse foco por si só já foi o bastante para discussões acaloradas acerca do Modernismo e ainda são até hoje, visto que a Linguística, ciência que estuda a Língua e seus fenômenos sociais prega justamente o respeito às diversidades de falas existentes em uma Nação. Assim por essa ótica no Brasil não existiria um falar certo ou errado, seriam todos eles: os falares nordestinos, paulistas, cariocas e gaúchos, formas aceitas de comunicação e por consequência os textos modernistas plenamente aceitos em suas intenções comunicacionais, pois são “erros” que possuem um contexto e uma razão de ser. Obviamente que são questões polêmicas ainda não pacificadas, visto que historicamente a escola ensina o jeito “certo” de falar e condena os chamados “erros”. E o Modernismo colocou essa discussão acadêmica em debate nos estabelecimentos de ensino.

A recepção dos modernistas é caracterizada por surpresas, críticas, elogios, enfim não é uníssono, os comportamentos são os mais contraditórios possíveis, e assim essa gama de opiniões diferentes propicia a realização de debates e pesquisas que enriquecem as discussões sobre as polêmicas modernistas.

Dentre as propostas modernistas, destacou-se a busca pela identidade nacional. Entenda-se identidade como características próprias que distinguem seres ou coisas. Logo, o Modernismo queria diferenciar o Brasil do restante da Europa, fazendo um movimento com ares e cores nacionais e não mais exercer o papel de colônia historicamente submissa à metrópole portuguesa. E assim, foi feito: as obras do período trouxeram, sem ufanismo, cenários, protagonistas, cores, histórias, culturas e valores brasileiros.

Ao adotar a busca da identidade nacional como meta principal do movimento, o Modernismo opôs-se ao Romantismo que também defendia as características nacionais, todavia este apresentava um cenário de fantasia e idealização, enquanto aquele propôs um nacionalismo mais crítico mais próximo da realidade nacional.

Assim, não concordando com esse modelo nacionalista importado da Europa, os modernistas projetaram reconstruir esse paradigma de nacionalidade que apresentou um Brasil debochado e irreverente feito para brasileiros e não adaptado aos costumes e gostos europeus.

Portanto, o conteúdo e a discussão são vastos, e fazem-nos observar e concluir a recepção ao movimento como inicialmente resignada, pelo impacto inicial que ocasiona a todos e posteriormente veio uma maior receptividade compreendendo-se o Modernismo como uma forma satírica de desnudar a realidade nacional. Sendo suas polêmicas tão somente a forma encontrada para chamar a atenção da sociedade para seus objetivos, a saber: a reconstrução da literatura nacional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1974.

_____. Pesquisa científica: noções introdutórias. In: _____. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003a. p. 121-127.

_____. Métodos e técnicas de pesquisa. In: _____. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003b. p. 129-136.

BERRIEL, Carlos Eduardo (Org.). **Mário de Andrade hoje**. São Paulo: Ensaio, 1990.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Viviana et al. **O poema**: leitores e leituras. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: o currículo da língua portuguesa e da literatura no ensino médio. 14. ed. Brasília, Distrito Federal: FTD, 2006.

CAMPEDELLI, S. Y.; Souza, J. B. **Literatura brasileira e portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CANDIDO, Antonio. A literatura na evolução de uma comunidade; Literatura e cultura – de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973, p.121.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Atual, 2009.

_____. **Português**: linguagens3. 6. ed. São Paulo: Atual, 2008.

COSTA, Josiane. **O ensino de literatura no ensino médio**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-de-literatura-no-ensino-medio/29215/>>. Acesso em: 17 maio 2014.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Lingua e literatura**. 21. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FONSECA, Maria Augusta. **Rebeldia e sementeira** (aspectos da semana de 22). Remate de males: Campinas (SP), 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt, **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**, 1995 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2014.

Goldenberg, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Considerações sobre a pesquisa científica: em busca de caminhos para a pesquisa científica**. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/Home/Departamentos/Educacao/AlbertoGomes/aula_consideracoes-sobre-a-pesquisa.pdf>. Acesso em: 16 maio 2014.

HELENA, Lúcia. **Movimentos da vanguarda europeia**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

MORAES, Eduardo Jardim de. **Modernismo revisitado**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, s/d.

MORICONI, Italo. **A poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MOTTA, Marly Silva da. **1922: em busca da cabeça do Brasil Moderno**. Rio de Janeiro, CPDOC, 1994.

NEVES, Lilia Maria Bitar et al. **O que é pesquisa bibliográfica?**, 2013. Disponível em: <http://www.portal.ufpr.br/pesquisa_bibliogr_bvs_sd.pdf>. Acesso em: 17 maio 2014.

OLIVEIRA, José Dias. **Oswald de Andrade: um esteta da modernidade**. 2012. Disponível em: < <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3439775>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

OSAKAB, A, P. **O ensino da literatura no ensino médio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

PERROT, Andrea Czarnobay. **Relações entre literatura e identidade nacional na poesia angolana do século XX: influência do modernismo brasileiro e/ou ainda**

romantismo? Disponível em:
<<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0481-1.pdf>>.
Acesso em: 18 de abr. 2014.

RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. **Macunaíma e a formação de uma cultura brasileira.** Disponível em:
<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/m00002.htm>> Acesso em: 18 abr. 2014.

SILVA, Célia Sebastiana. **Tragédia grega à brasileira.** Disponível em:
<<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2503.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

SILVA, Hellen Freire. **Análise do poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira.** 2013. Disponível em: < <http://www.literaturaemfoco.com/?p=4914>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

TOMÉ, Aline Viana et al. **O Samba, o modernismo e a identidade nacional.** 2009. Disponível em:< <http://revistacontemporaneos.com.br/n3/pdf/samba.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica.** Porto Alegre: Globo, 1980.

VILARINHO, Sabrina. **Dadaísmo.** Disponível em:<<http://www.mundoeducacao.com/literatura/dadaismo.htm>> Acesso em: 31 maio 2014.